

Imigração alemã e repressão policial: a ação do DOPS em Marechal Cândido Rondon

*Marcos Stein**

Em 1991 o governo do Estado do Paraná criou o decreto que extinguiu a Subdivisão de Informações da Polícia Civil e transferiu todo o acervo da antiga Delegacia de Ordem Política e Social–DOPS para o Arquivo Público do Estado do Paraná, disponibilizando a documentação para os pesquisadores¹. Entre os documentos encontra-se o relatório elaborado em 1968 pelo agente Erich Erdstein², sobre as supostas atividades nazistas no município de Marechal Cândido Rondon, localizado no Extremo Oeste do Paraná.

Assim, este texto, que integra a dissertação de mestrado³, defendida em março de 2000, visa apresentar a análise dos mecanismos discursivos utilizados pelo agente para construir a representação do município como sendo um “quisto étnico”, uma “colônia de nazistas”, onde estariam escondidos alguns criminosos de guerra nazistas como Joseph Mengele e Martin Bormann⁴.

* Colegiado de História da UNIOESTE. Campus de Marechal Cândido Rondon.

Segundo Eni P. Orlandi, a análise do discurso trabalha “[...] com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade”⁵. Nessa perspectiva, objetiva-se realizar uma reflexão acerca das condições de produção dos discursos de Erdstein, levando, portanto, em consideração os “[...] sujeitos e a situação em que se produz o dizer”⁶.

Para melhor compreendermos os mecanismos de produção desse discurso, cumpre tecer algumas considerações sobre o período de formação de Marechal Cândido Rondon. O surgimento do referido município se deu na forma de uma colonização dirigida quando, em 1946, a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A. – MARIPÁ–, uma empresa com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, adquiriu a área denominada Fazenda Britânia e iniciou o processo de colonização⁷.

As ações da MARIPÁ não se restringiram em apenas lotear e vender as terras, mas em planejar, dirigir, fornecer a infra-estrutura e, principalmente, selecionar os indivíduos para quem seriam vendidos os lotes. Para tanto, elaborou-se um Plano de Colonização, documento que apresenta os objetivos da empresa e dá preferência aos descendentes de imigrantes italianos e alemães, considerados mais aptos para colonizarem a área⁸.

Algumas comunidades foram formadas majoritariamente por descendentes de imigrantes italianos e outras por descendentes de imigrantes alemães. No espaço geográfico onde hoje está situada a sede do município, a ocupação foi realizada por descendentes de imigrantes alemães, oriundos dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul⁹.

Por volta da segunda metade de 1960, as características da população do município despertaram o interesse do agente Erich Erdstein, da Delegacia de Ordem Política e Social–DOPS. Erdstein, judeu austríaco, se refugiou na América do Sul em 1939, devido à perseguição nazista. No Brasil, em 1960, passou a trabalhar como tradutor no DOPS, em Curitiba¹⁰.

Em 1967, realizou uma investigação no município de Dona Emma, Santa Catarina, identificando erroneamente Alexander

Lenard¹¹ como sendo um criminoso de guerra foragido – talvez Martin Bormann ou Joseph Mengele. No ano seguinte, se dirigiu para Marechal Cândido Rondon, pois, para ele, o fato do município ser formado na sua maioria por descendentes de imigrantes alemães e a presença de alguns ex-combatentes alemães, como óptico Heribert Hans-Joaquim Gasa, o médico Friedrich R. Seyboth e sua esposa Ingrun, se mostrava como um forte indício da presença de criminosos de guerra nazistas na região.

A investigação resultou num relatório em que Erdstein afirma a existência de uma organização neonazista liderada pelas pessoas supracitadas.

Existe, situada no município de Marechal Cândido Rondon e se estendendo pelas localidades vizinhas, próximo e na faixa de fronteira com o Paraguai, extensa área de terras que é ocupada por um núcleo de colonização alemã. [...] Seus ocupantes, colonos e comerciantes mostraram-se revoltados com a existência de certos grupos de alemães como eles, que proibem a seus filhos de apreenderem a falar o idioma português, de assimilar nossa cultura, de apreender nosso hino nacional, enfim, exigem uma segregação severa, esforçando-se por manter intactas as tradições, filosofia e cultura da terra de origem. Mantêm correspondência com revistas e entidades culturais e assistenciais alemãs, reivindicando auxílio financeiro para a continuidade da *cultura germânica*¹².

Segundo o relatório, o fato de em Marechal Cândido Rondon haver grupos de alemães que recusavam-se a aprender a língua portuguesa e cantar o hino nacional, demonstra, portanto, uma resistência à integração e o “antipatriotismo” característico de um “quisto étnico”¹³.

Com base no relatório, vários órgãos de imprensa nacional e internacional publicaram reportagens sobre o tema. Um deles foi o Jornal da Tarde, órgão de imprensa associado ao jornal O Estado de São Paulo, cuja manchete intitulada “Onde está Nascendo o IV Reich” apresenta claramente Marechal Cândido Rondon como um “reduto nazista”.

A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, a polícia descobriu uma nova Alemanha. Num relatório oficial, já entregue ao governador Paulo Pimentel, um investigador garante: 'É uma Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph Mengelle'. A nova Alemanha, há 23 anos do fim da guerra contra Hitler, é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o IV Reich em instalação no Brasil¹⁴.

Como pode-se perceber, a idéia da distância sugere que uma das causas da não integração seria o seu isolamento geográfico, ou seja, o fato da cidade estar situada numa região distante dos centros urbanos do país é um fator que contribuía para a ocorrência do fato. Além disso, a matéria jornalística adquire uma conotação legítima ao mencionar o relatório, apresentando-o como oficial, uma fonte segura, que garante a veracidade do discurso.

Além do aspecto referente à língua, considerado um forte indício que demonstra a intenção de não assimilação da população local, a reportagem dá ênfase na questão relativa à aversão aos "brasileiros", no caráter segregacionista da cidade.

A cidade não gosta de brasileiros

Onde o Brasil é *Brazilien*; Marechal, *Marchall*; onde brasileiro é *prêto*, uma raça inferior; bom dia é *guten tag*; como vai? *Wie gets?*; onde um anúncio na rádio é em alemão; onde só a minoria da população vota (que a maioria não foi naturalizada); onde muita gente nem fala o português. E onde está, para a polícia, a nossa herança nazista:

—*Marschall Cândido Rondon, Brazilien.*

Ou Marechal Rondon, um povoado perdido no Noroeste do Paraná, perto da fronteira com o Paraguai e as ruínas inglesas do Porto Britânia, a 590 quilômetros de Curitiba, a 998 de São Paulo, 2149 de Brasília, 3981 de Fortaleza, 4101 de Natal. É uma região que começou a ser colonizada há menos de dez anos, por uma empresa que só vendia terras a alemães, ou a seus descendentes. É uma área de interesse para a Segurança Nacional: será federalizada.

O príncipe herdeiro de Adolf Hitler, Martin Bormann, caçado no mundo inteiro, já esteve em Rondon. E sempre volta. O agente especi-

al da Polícia do Paraná, o vienense Erich Erdstein está lá agora. E ele afirma, com certeza, com raiva, com tristeza, como um profeta:
 – Aqui está nascendo o IV Reich¹⁵.

A matéria jornalística segue em outra página apontando o médico, também vereador e dono de um hospital, Friedrich Rupprecht Seyboth, como sendo o líder nazista. “[...] Este foi o homem que naturalizou Adolf Hitler, austríaco, como cidadão alemão”¹⁶. O jornal também faz referência ao período da colonização, apresentando Willy Barth, diretor da MARIPÁ, como alemão, sugerindo que a criação do “IV Reich” estava em andamento desde o início do processo de colonização, pois “[...] só vendia terras para alemães”¹⁷.

Tais pessoas, segundo o jornal, portanto, estariam arquitetando a criação do “IV Reich” – ou “Nova Alemanha” – sendo que Marechal Cândido Rondon reunia as condições ideais para isso, pois localizava-se distante dos centros urbanos do Brasil, e tinha sua população formada basicamente por descendentes ou imigrantes alemães.

As palavras que concluem a matéria jornalística deixam transparecer a metodologia utilizada na investigação e que nortearam as conclusões de Erdstein. Pois, para ele, em Marechal Cândido Rondon, os indícios do nazismo não se apresentam a olho nu. É preciso um olhar mais atento, próprio do investigador. “Quem vai a Rondon não vê nazismo assim pelas ruas, declaradamente. É preciso procurá-lo com cuidado, falar alemão e viver na cidade. E, depois, desaparecer: há quem mate para assegurar e defender a organização”¹⁸. O investigador finaliza afirmando que só a instalação de um DOPS poderia resolver o problema.

As reportagens foram alvo de protestos tanto de moradores, como de políticos da região. Além do deputado estadual Roberto Wypych¹⁹ e do deputado federal Lyrio Bertolli²⁰, que se manifestaram contra as denúncias, o então prefeito, Werner Wanderer, enviou um ofício à Secretaria de Segurança Pública solicitando providências no sentido de evitar novas reportagens “[...] inverídicas que venham trazer aborrecimentos e perturbar a paz que reina nesta região”²¹.

Contudo, apesar dos protestos de pessoas como Gasa, Seyboth, dos políticos citados e da fuga do investigador do país, a questão não se encerrou. Pelo contrário, nas décadas de 70, 80 e mesmo 90, verificou-se a publicação de matérias em jornais, revistas e livros²² – baseadas no relatório de Erdstein– sobre a suposta existência de organizações nazistas no município, forçando principalmente Gasa e Seyboth a encaminhar cartas aos editores contestando as informações e solicitando direito de resposta.

Além disso, ambos concederam entrevistas a órgãos de imprensa regionais. Seyboth, em entrevista concedida ao jornal Rondon Hoje, de junho de 1978, relatou sua versão sobre o assunto.

Filho de imigrantes alemães, Friedrich Rupprecht Seyboth nasceu em 13 de junho de 1919, no município de Estrela, Rio Grande do Sul. Aos 6 anos foi para a Alemanha. Em 1939 ingressou na Faculdade de Medicina em Berlim, onde conheceu sua futura esposa Ingrun, sendo que, em 1940, entrou na Academia Médica da Aeronáutica. Com a eclosão da guerra, foi enviado para o Norte da África, destacado para o corpo médico, sob o comando do Marechal Rommel. De volta para a Alemanha, serviu como médico na região de Hamburgo, onde, ao final da guerra, foi aprisionado pelas forças aliadas, sendo posteriormente libertado²³.

Sua esposa, Ingrun Seyboth, natural de Wilster, norte da Alemanha, em entrevista concedida a revista Oeste, confirmou que foi seu pai, Dieter Klagges, quem concedeu a nacionalidade alemã ao austríaco Adolf Hitler.

De fato. Embora fosse chefe de um partido em ascensão, Hitler não podia ser candidato a posto eletivo por não ter nacionalidade alemã. [...] Então meu pai entrou no caso e designou Hitler como funcionário da representação do Estado de Braunschweig em Berlim. Se bem me lembro, deu-lhe o cargo de adido cultural. Assim, Hitler tornou-se cidadão de Braunschweig e, automaticamente, cidadão alemão, e pode se candidatar à presidência da Alemanha em 1932²⁴.

Também, como narrou ela, o marido e dois filhos vieram para o Brasil, em maio de 1949.

Eu fiquei em Estrela e meu marido foi trabalhar como assistente do Dr. Wolfram Metzler em Novo Hamburgo (RS). Mas existia um problema: seu diploma não tinha validade no Brasil. Depois nos mudamos para Piratuba (SC) e em 1953 viemos para Marechal Cândido Rondon. Nesses primeiros anos de Brasil meu marido sofreu perseguições sob a acusação de exercício ilegal da medicina. Finalmente ele fez exames em Porto Alegre e conseguiu a validação do diploma que trouxera da Alemanha. Em Rondon conhecemos Willy Barth e Ondy Niederauer, que eram da colonizadora Maripá, e eles nos ajudaram a construir um pequeno hospital²⁵.

Apesar de desenvolver pesquisas na área da Física²⁶, e pelas quais desejar ter seu nome relacionado, Heribert Hans-Joaquim Gasa foi o imigrante que, aparentemente, mais despertou a atenção dos “caçadores de nazistas”²⁷. Nascido em 14 de março de 1920, em Dambritsch, Schlsien (região que atualmente pertence à Polônia), Gasa veio para o Brasil em 1961, a convite de Seyboth²⁸.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi motorista de caminhão de abastecimento da Força Aérea Alemã. Nessa função chegou a estar na frente oriental, na Ucrânia. Depois ingressou no grupo de pára-quedistas, sendo então enviado para a França e em seguida para a cidade holandesa de Nijmegen, onde, no final da guerra, foi feito prisioneiro. Após alguns meses retornou para a Alemanha onde se dedicou ao ramo óptico.

[...] No final da década de 50, pensava em emigrar para a Austrália, mas acabei vindo para Rondon. Eu era amigo do irmão da esposa do Dr. Seyboth. Nessa época ela esteve na Alemanha, e quando soube que eu pretendia ir para a Austrália, sugeriu que viesse para o Brasil²⁹.

Um dos aspectos que levantou suspeitas de ser “agente nazista” foi a forma como edificou sua residência. Além das características externas, como as grossas paredes de tijolos, a existência de um espaço subterrâneo levou Erdstein a concluir que se tratava de um esconderijo para os fugitivos nazistas.

Sobre a arquitetura da sua residência, Gasa afirmou que:

Eu comecei a construí-la em 1965. Ela foi feita no eixo leste-oeste justamente porque aqui é muito quente no verão, e deste jeito, o sol esquenta mais o teto e não só uma das paredes, como a maioria das casas aqui [...]. Pode-se dizer que minha casa é uma miscelânea de culturas. Há traços gregos, germânicos, italianos, astecas, entre outros. Inclusive há algum tempo atrás a interpretação errônea de algumas figuras de minha casa trouxeram-me incômodo. Uma jornalista do Zero Hora (Glorinha Glock) cismou que a figura da águia que está em cima da lareira na sala onde era o café colonial era um símbolo nazista (na verdade é um símbolo asteca e nada tem a ver com a águia-símbolo do nazismo). Outro fato curioso com a mesma jornalista aconteceu quando ela avistou uma fotografia do Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon que tenho pendurada em uma das paredes, ela pensou que fosse algum general nazista³⁰.

Portanto, percebe-se que essa leitura dos indícios, no caso o aspecto arquitetônico e a decoração interna da residência de Gasa não foi mérito somente de Erdstein, tampouco ficou restrita às décadas de 60 e 70. Mas, sobretudo, trata-se de discursos que circulam, encontrando espaço junto a mídia em outros momentos, como foi o caso da reportagem publicada no jornal Zero Hora³¹. Neste sentido, observa-se “[...] um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade”³².

Concluindo, apesar da não veracidade das publicações, constata-se que tais discursos encontram sustentação, ou condições de produção através de leituras sobre o contexto histórico do município, em deduções baseadas principalmente no fato de Marechal Cândido Rondon ser formado basicamente por descendentes de imigrantes alemães. Pois como afirma Sidney Chalhoub, a forma de investigar e construir os “[...] rastros— documentos— é feita a partir dos interesses de cada autor”³³ e, no caso, da atividade ou posição que ocupa. Erdstein, no caso, lançou mão de sua condição de agente do DOPS e no fato de ser judeu e ter sofrido a perseguição nazista quando vivia na Áustria, para legitimar seu relatório, sendo que a maneira como descreveu as características da população rondonense, serve como principal indício que compõe os efeitos de significação de seu discurso.

Notas

1. REVISTA OESTE, n° 63. Cascavel, agosto de 1991, p. 25.
2. ERDSTEIN, Erich. **Criminosos de Guerra no Brasil**: sua Localização e atividades no Estado do Paraná. Curitiba, dossiê n.° 00551, caixa n.° 062-DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná, 1968.
3. STEIN, Marcos Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. Dissertação (Mestrado em História), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
4. Idem. O relatório, dirigido ao diretor da polícia civil, é composto de um texto com quatro páginas não enumeradas e uma página com fotografias da cidade e dos supostos locais que serviriam de refúgio dos nazistas.
5. ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999, p.16.
6. Idem.
7. SAATKAMP, Venilda. **Desafios lutas e conquistas**. História de Marechal Cândido Rondon. Cascavel: ASSOESTE, 1985.
8. NIEDERAUER, Ondy H. **Plano de colonização da industrial madeireira colonizadora Rio Paraná S/A- MARIPÁ**. Toledo: 1955, p. 4. Mimeo.
9. Saatkamp, 1985.
10. ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. **Renascimento da Suástica no Brasil**. A verdadeira história de os meninos do Brasil. Rio de Janeiro: Nórdica, [s/d].
11. Para mais informações ver: DIRKSEN, Valberto. **Dona Emma**. História do Município. Florianópolis, 1996.
12. Erdstein, 1968, p. 01.
13. Para mais informações sobre os discursos que constroem estereótipos e preconceitos relacionados aos imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul, consultar: GERTZ, René. Os quistos étnicos alemães. **Estudos leopoldinenses-série história**. Volume 2, nº1, 1998. GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1991.
14. JORNAL DA TARDE. São Paulo, 18 de maio de 1968, p. 10.
15. Idem.
16. Idem.
17. Ibidem, p.11.
18. Ibidem, p. 12.
19. WYPYCH, Roberto. **Discurso pronunciado na Sessão Plenária da Assembléia Legislativa**. Curitiba: Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, 18 de julho de 1968. Mimeo.
20. BERTOLLI, Lyrio. **Em defesa de nossa gente e nossa história**. Discurso proferido na Câmara dos Deputados. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional. 12 de junho de 1968.
21. OFÍCIO n.° 463/68. **Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon**. 04 de setembro de 1968.
22. Entre as publicações destacam-se: REVISTA DER SPIEGEL. Hamburg, n° 7, de 02 de fevereiro de 1969. ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. [s/d]. FARAGO, Lasdilas. **Martin Bormann and the Fourth Reich**. New York: Simon & Schuster, 1975.
23. SEYBOTH, Friedrich R. Bormann Mora em Rondon?. In: JORNAL RONDON HOJE. Marechal Cândido Rondon, n°42, 10 a 17 de junho de 1978, p. 13-14.

24. SEYBOTH, Ingrun. Recordações do III Reich. In: REVISTA OESTE. Cascavel, nº 81, abril de 1993, p. 07.
25. *Ibidem*, p.10.
26. Um de seus estudos está publicado nas revistas RAUM & ZEIT, nº 91. Januar/Februar. 1998, p.99. OESTE. Cascavel, n.º 132, 1998, p.14-15.
27. Além de Erdstein, Ladislas Farago, escritor húngaro radicado nos Estados Unidos, também apresenta-se como caçador de nazistas. Em um de seus livros, Farago relata suas investigações em Marechal Cândido Rondon, afirmando que a cidade era um “centro do neonazismo” e o líder Heribert Hans Joaquim Gasa. Ver. FARAGO, Ladislas. **Aftermath**. The Most of our Time. The Final Search for Martin Bormann. 2ª edição, New York: Simon & Schuster, 1975, p. 75.
28. GASA, Heribert Hans-Joaquim. Entrevista. In: Revista CIRCUS. Marechal Cândido Rondon, nº 03, junho de 1997, p.04.
29. GASA, Heribert Hans-Joaquim. Enfrentou os russos e filou cigarros dos ingleses. In: Jornal RONDON HOJE. Marechal Cândido Rondon, nº 38. 13 a 20 de maio de 1978, p. 03.
30. GASA, Heribert Hans-Joaquim. Entrevista. In: Revista CIRCUS (1997).
31. JORNAL Zero Hora. Porto Alegre, 31 de julho de 1995.
32. Orlandi, 1999, p.21.
33. CHALHOUB, Sydney. **Visões da liberdade**. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p.18.